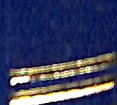




THE UNIVERSITY OF  
MICHIGAN LIBRARY  
SERVICES  
ANN ARBOR, MICHIGAN

UNIVERSITY OF  
MICHIGAN



ALVARO

03040

A. OLIVEIRA SOBRINHO

O ESCRAVO





BIBLIOTECA

N.º

ATENEU COMERCIAL  
DE BRAGA

# O ESCRAVO

DRAMA EM TRES ACTOS

POR

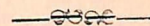
*S. Antonio de Oliveira Sabinha*

DO

GREMIO DRAMATICO

DO

RECIFE



RECIFE :

TYP. MERCANTIL—DE C. E. MUHLERT & C.<sup>a</sup>  
Rua do Torres n. 10.

—  
1870

A

Manoel Quintiliano da Silva

O

Autor

M. C. L.

no 446

# O ESCRAVO

DRAMA EM TRES ACTOS

## PERSONAGENS

FABIO .....	Musico.
JULIO .....	Sua mulher.
LUIZA .....	Sua filha.
LUCIA .....	Commendador negociante.
ANTONIO DE ALMEIDA .....	Poeta.
SOUZA .....	
ATHAYDE .....	Irmã de Souza.
AMELIA .....	Escrava.
THEREZA .....	
UM BELEGUIM .....	
DOUS SOLDADOS .....	
UMA MULHER QUE NÃO FALLA .....	



## ACTO I

---

O theatro representa uma sala ; ao fundo portas que dão para outra sala, portas lateraes. Lucia está sentada em um sophá e tem nas mãos algumas flores ; ouve-se musica que cessa logo ; alguns convidados passeião no salão do fundo.

### SCENA I

LUCIA e depois FABIO

	FABIO
Em que scisma ?	LUCIA
Ah ! é o senhor ?	FABIO
Assustou-se ?	LUCIA
Não.	FABIO
Pensava ?	LUCIA
Eu ?	FABIO
Sim.	

LUCIA  
De onde veio ?  
FABIO  
Do salão, acabava de dansar uma walsa.

LUCIA  
Perguntarão por mim ?  
FABIO  
Por certo, chamarão-lhe egoista.

LUCIA  
Egoista !!  
FABIO  
E com razão.

LUCIA  
Não pensei que o senhor fosse tão injusto !  
FABIO

LUCIA  
Ama a solidão, D. Lucia ?

LUCIA  
Amo.  
FABIO

E eu tambem ; na solidão estamos mais perto de Deus, ella enche-nos de pensamentos infinitos, de fecundas inspirações, recorda-nos as mais gratas scenas desta quadra que passa para não volver mais ; longe do murmuro dos homens e das cousas a alma parece desprender-se de tudo o que é terreno ; mas a solidão é triste e no dia de hoje a tristeza é um crime.

LUCIA

Mas eu não estou triste !

FABIO  
Abandonou-nos !  
LUCIA

Esperava aqui algumas amigas (Levanta-se, váe a janella e senta-se.) Ainda não vem !

FABIO  
Porque não me offerece algumas destas flores ?

LUCIA  
Está zangado ?  
FABIO

Não.  
LUCIA (dá-lhe 'uma flor.)

Já lhe tinha dado cousa de mais valor—o coração.

FABIO  
Obrigado, Lucia, obrigado (beija-lhe a mão.)

LUCIA  
O papáe ainda joga ?  
FABIO

Não.  
LUCIA  
Ganhou hontem o senhor ?

FABIO  
Sou muito infeliz.  
LUCIA  
Nunca o vi ganhar.  
FABIO

Dizem que aquelle que é infeliz no jogo é feliz no amor, será assim ?

Talvez !

LUCIA

FABIO

Então recusou dizer-me em quem scismava aqui sozinha, aspirando o grato perfume destas flores? Talvez pensasse no dia de hoje que marca uma era feliz, nos seus brincos da infancia, no seu primeiro amor, nas magicas palpitações de seu seio agitado pelo sentimento de uma afeição sagrada, pura e casta como seus suspiros, como seus sonhos não é?

LUCIA (rindo-se)

Em tudo isto porque pensava em quem não está longe daqui !

FABIO

E's um anjo !

## SCENA II

Os mesmos SOUZA E AMELIA

AMELIA

Com licença.

LUCIA

Aqui ordena !

AMELIA

Obrigada. Adeus Lucia !

LUCIA

Minha amiga. (Abraço-se.)

SOUZA

Minha senhora !

AMELIA

Meu pae não poude vir.

LUCIA

Está incommodado ?

AMELIA

Não, veio-lhe hoje um amigo da Bahia, e conversão sobre negocios importantes.

SOUZA

O Senhor não apparece mais ? !

FABIO

São tantos os meus trabalhos..

SOUZA

Já sei que está compondo alguma opera.

FABIO

Não tenho estas pretensões ; sou apenas um artista obscuro.

AMELIA

A modestia é a unica mentira desculpavel.

SOUZA

E' verdade, minha irmã.

LUCIA

Sentemo-nos (sentão-se.)

AMELIA

Estás hoje encantadora.

SOUZA

Aos quinze annos a mulher é sempre uma flôr.

LUCIA

O Senhor é assaz lisongeiro.

SOUZA

A verdade não è lisonja, minha Senhora.

LUCIA

Creio que Carlotinha não vem

AMELIA

Ella prometteo ?

LUCIA

Affiançou-me

AMELIA

Talvez venha ainda

LUCIA

E' rica, não quer talvez dignar-se a vir a caza de uma amiga pobre.

AMELIA

Quem sabe se não é rigorosa !

SOUZA

A pobreza não é deshonra !

FABIO

E' uma lepra para muitos. Conheço homens que esquecendo a virtude, a riqueza d'alma degradão-se para adquirir o dinheiro, a que ligão mais apreço, a que rendem mais cultos, do que ao Deus que os creou. Estes quasi sempre dominados pela ambição, que cega, agitados por uma sede, que devora, percorrem todos os caminhos, que se lhes offerecem, mercadejão com todos os sentimentos, mentem á sua consciencia marcada com o sello da venal-

dade a mais tórpe, e vão até arrancar com suas mãos de harpia o sangue do orphão, o suor da viuva ; e quando por uma fatalidade tremenda realisão seus sonhos, quando sobem ao throno de suas aspirações, o mundo lhes bate palmas, atira-lhes flores, e proclama-os como sabios, como integros e até como homens de genio ; estes são os ladrões de casaca, os vampiros de chapéo de pasta. Outros ha porém, que mais dignos, porque não trazem sobre as costas a tunica da hypocrisia, por isso que são muitas vezes arrastados ao crime pela mão fatídica da necessidade, sahem a peito descoberto e bradão aos ouvidos dos que passam :— a bolça ou a vida—. A estes o mundo detesta, bate-lhes a porta ; porque elles não roubam para serem capitalistas, e o fazem porque tendo ainda em seus peitos um germen de nobreza, preferem o furto, o roubo, e todas as torpezas em fim, ao verem suas filhas vendendo no balcão do vicio o que possuem de mais santo. Estes chamão-se ladrões de estrada. Os primeiros são gallardoados, cobertos de titulos cheios de condecorações ; por que estas nem sempre adornão o peito da virtude. Quanto aos segundos é facil de saber o seu fim : comidos de lépra morrem ao abandono nos calabouços, e nem ao menos uma cruz modesta e simples faz lembrar o pouso eterno destas victimas, que a sociedade sacrificou.

SOUZA

Bravo ! Bravo !

FABIO

O mundo, minhas senhoras, é um jogo de desparates

AMELIA

E as mulheres terão parte nelle ?

SOUZA

Sem duvida

FABIO

Como victimas.

LUCIA

As mulheres são as martyres.

SOUZA

Apoiado !

FABIO

E' a regra geral.

SOUZA

A' proposito de mulheres. Quero a sua assignatura para um volume de poesias minhas, que já se achão no pré-lo. Ha de espantar !...

FABIO

Com todo o prazer.

LUCIA

Ah ! Não sabia que era poeta !

FABIO

A modestia occultou-o

AMELIA

Meu irmão é muito modesto.

LUCIA (rindo-se)

Que entende pela poesia ?

SOUZA

A poesia, minha senhora, a poesia não se define.

FABIO

Diz bem.

LUCIA

Heide córoal-o.

AMELIA

Não sabe Sr. Fabio, meu irmão quer tornar-se desgraçado.

FABIO

Sendo poeta, não é verdade ?

AMELIA

D'aqui a pouco pedirá esmolas.

FABIO (rindo-se.)

E acabará os dias n'um hospital.

SOUZA

Ou serei proscripto como Dante, ou morrerei no patibulo como André-Chenier. Que importa, o genio não morre !.

LUCIA (baixo a Fabio)

Que modestia !

FABIO

Sim, sim, o genio não morre ! Dizem que o genio é a luz do céo estampada na fronte do homem pelo dèdo de Deus. Esta luz não se apaga, mas o genio não se compra, vem do berço. Ha duas palavras em nossa sociedade, que muito se barateão : o martyrio e o genio. Todos querem ser martyres, todos dizem-se genios !

SOUZA

Mas isto é uma indirecta !

FABIO

Não faço allusão. Manifesto o que vejo.

LUCIA

O Sr. offendeu-se ? !

SOUZA

Eu, minha senhora, porque ?

FABIO (chegando a janella)

A lua vem surgindo.

AMELIA

Maravilhoso espectaculo !

SOUZA

Soberbo ! sublime !

LUCIA

Vamos, Amelia ?

AMELIA

Estou as tuas ordens.

SOUZA

Esperem um pouco ! Olhem ! Admirem ! Oh ! aquillo inspira ! Bonito !... encantador ! Vejam aquelle quadro ! Só o pincel de Deus poderia desenhar semelhante maravilha..

### SCENA III

Os mesmos e LUIZA

LUIZA

Muito bem. Então abandonarão o salão. Egoistas !... Ah ! é você Amelia

AMELIA

D. Luiza..

LUIZA

Como está o papae ? Sr. Souza !..

SOUZA

Minha senhora !...

LUIZA

Que fazião aqui ?

LUCIA

Conversavamos, mamãe.

FABIO

Mas iamos dansar.

LUIZA

Então não percamos tempo.

SOUZA

Tomo a liberdade de offerecer o meu braço a V. Exc.

LUIZA

Obrigada.

FABIO (apressa-se para conduzir LUCIA E AMELIA)

LUIZA

Vae tocar uma polka.

SOUZA

V. Exc. dansará comigo.

LUCIA

Vamos.

(Sahem.)

### SCENA IV

ATAYDE E COSTA

COSTA

Não tenho mais duvida, é o que digo.

ATAYDE

Pode ser engano.

COSTA

Não costumo illudir-me!

ATAYDE

Uma semelhança talvez!

COSTA

Ha muito tempo que tenho empregado um rigoroso exame sobre este negocio e portanto não posso admittir um erro; não tenho mais duvida!

ATAYDE

Ja revellou este segrêdo a alguem?

COSTA

Não.

ATAYDE

E nem deve; seria uma crueldade.

COSTA

Vim hoje a este divertimento para certificar-me ainda mais.

ATAYDE

E elle não se lembrará de...?

COSTA

Não, e nem pode. Quando estive na Bahia, bem no coração desta provincia, tinha elle talvez treze para quatorze annos de idade pouco mais ou menos, e pertencia a senhores que lhe estimavão e que lhe mandarão até ensinar a ler;

naturalmente derão-lhe a liberdade porque erão piedosos e bons.

ATAYDE

Que annos fazem que estive na Bahia?

COSTA

Vinte e dous.

ATAYDE

Vinte e dous?

COSTA

E' exacto.

ATAYDE

Mas como é possível que o reconheça e elle não se lembre de..?

COSTA

E' esta uma objecção que facilmente destruo.

ATAYDE

Pois affianço que è por demais razoavel.

COSTA

Attenda.

ATAYDE

Falle.

COSTA

Já disse-lhe que quando estive na Bahia tinha o infeliz treze para quatorze annos,—creança ainda, e portanto não pre- valece a sua duvida, tanto mais quanto fazem vinte dous annos, espaço de tempo mais que sufficiente para que...

ATAYDE

Silencio não estamos sòs.

COSTA

Passeião no salão ; não se dirigem para aqui.

ATAYDE

Podem ouvir-nos.

COSTA (Baixo.)

Tenho uma prova inconcussa.

ATAYDE

Qual?

COSTA

O nome.

ATAYDE

E' o mesmo?

COSTA

E'.

ATAYDE

Guarde este mysterio horrivel.

COSTA

Não tenho interesse em descobri-lo.

ATAYDE

Que descredito se este facto fosse levado a luz do dia!

COSTA

A mulher abandonal-o-hia.

ATAYDE

Talvez não ; tem-lhe um amor extremo.

COSTA

Confia tanto nas mulheres? Pois eu não, meu caro.

A mulher é sempre uma hydra, que affaga para morder ; um demonio, que engana com lagrimas. Todas são falsas, todas mentem quando jurão, todas fingem quando chorão, todas illudem quando o riso lhes decora os labios, no seio de todas dormem punhaes envenenados.

ATAYDE

E' injusto.

COSTA

Sou verdadeiro..

ATAYDE

Não diga mal das mulheres, se falla como despeitado, vocifere contra aquella que desprezou-o.

COSTA

Ainda não amei, meu caro.

ATAYDE

Respeite a mulher. Ella é um ideal que o mundo não comprehende, um mixto de riso e lagrimas ; porque o seu coração é uma flor orvalhada de alegria e piedade ; respeite este ente fraco, que soffre sempre.

COSTA

Poesia, poesia!

ATAYDE

Como seria mais verdadeiro se dissesse: — o homem é quasi sempre o algoz, a mulher a victima ; aquelle o rei tyranno, o senhor absoluto, esta a serva, que lhe beija os pés.

COSTA

Uma mulher perdeu-nos.



ATAYDE

Mas quem sabe se não será uma mulher quem nos ha de trazer a regeneração ?

COSTA

Bem razão tinha o Shakspeare quando dizia : a mulher é a onda.

ATAYDE

Muito mais tinha um poeta da velha India quando affirmava que a mulher era a fortuna.

### SCENA V

Os mesmos SOUZA e uma CONVIDADA

SOUZA

V. Exc. estava tão isolada !

CONVIDADA

Scismava.

SOUZA

No claustro ou no thalamo ?

CONVIDADA

Na felicidade.

SOUZA

Descrê da felicidade ?

CONVIDADA

Não, mas ella é tão passageira !

SOUZA

A felicidade é um sonho de ebrios !

CONVIDADA

Ainda não dansou ?

SOUZA (aos dois)

Meus senhores !

ATAYDE

Como vác ?

COSTA (a Athayde.)

Tem um cigarro ?

SOUZA (servindo-se)

Sirva-se.

COSTA

Agradecido.

SOUZA

Não quer ?

ATAYDE

Acceito.

COSTA

Vou ao jardim, não vae ?

ATAYDE

Vamos.

SOUZA

Antes que o fação, duas palavras.

ATAYDE

Com toda a satisfação.

SOUZA

Desejando ardentemente prestar um serviço a litteratura do meu paiz, ha alguns annos, que tenho me applicado ao estudo das muzas e vou dar á luz um volume de poesias; e como sei perfeitamente que Vs. Ss. são uns dos mais

proeminentes vultos do paiz e portanto defensores das grandes emprezas, venho supplicar a valiosa coadjuvação de Vs. Ss. para o dito fim. Os jornaes já se occupão com o meu nome. E' um pequeno monumento que desejo legar aos meus vindouros.

COSTA

Que calor!

SOUZA

Só digo-lhes uma cousa e é que não se arrependirão porque eu professo idéas livres e estigmatizo os preconceitos da nossa sociedade. A America é a terra dos genios.

ATAYDE (rindo-se occultamente.)

Muito bem!

SOUZA

Continente magnifico, aqui o céo é de um azul fino e transparente que arrouba! Estes rios gigantes e oceanicos, estes lagos placidos branquejados pelos pallido raios do astro da noite, as nossas florestas seculares, esta myriada de passaros que enchem-nas com seus gorgeios e suas voluptuosas cantilenas, tudo isto é bello, magestoso e povoado de luz e vida a imaginação dos moços que como eu querem, ajudados com a capacidade que Deos lhes dão, deixar os seus nomes gravados em letras de oiro no Panteon da nacional litteratura. Não ha duvida, a America é a terra dos genios!

COSTA

Que horas são?

ATAYDE (rindose.)

Muito bem.

SOUZA

Houve um tempo em que... como é a graça de V. S?

ATAYDE

Athayde, um seu criado!

SOUZA

Como ia dizendo, senhor Athayde, houve um tempo em que minha alma affogada em um pelago immenso de desanimo, apoderou-se de uma descrença fatal; nestes tempos aziagos eu ouvia, nas minhas noites de fundas meditações, uma voz angelical que me chamava á vida e que me fazia sonhar com o Capitolio! Esta voz santa, eu ouvia sempre nos sonhos, nas vigalias, em toda parte e então acalentado por esta imagem celica, por esta visão magica, que me fallava sem que a pudesse ver, ergui-me como o Lazaro á voz do Mestre e vou enfim mostrar ao meu paiz que.... Olhe acredite V. S. que o meu volume ha de espantar! Não ha duvida, meu caro, a America é a terra dos genios!

COSTA

Ja sei, mas eu não gosto de versos.

SOUZA

Mas quem fallou aqui em versos? E' um volume de poesias, boa impressão e á chagrin. No prologo da obra eu faço uma rapida analyse da poesia de diversos paizes: fallo na Grecia, em Troya, em Roma, na Allemanha; peneetro na China; cito o grande Confucio; trago á scena, fallando da Arabia, um axioma de Mahomet; critico em um ponto a Divina Comedia; digo alguma cousa das Bucolicas; elogio Homero, citando a Illiada, que para mim é a obra prima do autor. Fallando do Brazil, esta parcella do globo destinada a representar um grandioso papel na scena do universo, analyso os seus melhores poetas, e faço um voto para que se extinga da nossa legislação a impia pena de morte. Olhe só o prologo vale cinco mil réis que é a importancia do volume. Não ha duvida, a America é a terra dos genios.

ATAYDE

Eu tambem não gosto de versos, não.

SOUZA

O senhor é frio como a philosophia de Hobbs.

ATAYDE

Deixe-me senhor!

COSTA

Que calor!

SOUZA

O Senhor tem uma cara machiavelica! Passe bem e tenha medo das minhas satyras. (Ouve-se musica.)

COSTA

E esta!

SOUZA

Será a nossa contradansa?

CONVIDADA

Já não se lembra?

SOUZA

Vamos, vamos minha senhora, aqui neste lugar só se respira suvinaria, (sahem.)

### SCENÆ VI

COSTA

Que typo!

ATAYDE

Typo especial! Esta nossa sociedade é um musêo verdadeiro. Olhe, alli ao pé d'aquella meza (apontando da porta para o fundo.) está sentado um sujeito de seus quarenta annos, pouco mais ou menos, homem de todos os credos politicos, partidario que para satisfazer os seus caprichos, as suas ignobeis paixões é capaz de jogar ao acaso a honra

de sua familia; politico, que para galgar uma posição social não hesita talvez em pisar sobre escadas de cadaveres. Como aquelle, acredite, muitos ha que infestão o nosso paiz, qualquer que seja o arraial politico para que, dirigirmos a vista.

COSTA

Falla com a inflexibilidade da historia.

ATAYDE

O que digo é duro; mas tão real como a luz do dia.

COSTA

Desgraçadamente.

ATAYDE

Olhe, é o tal filho das muzas, aquelle que fez da modestia um crime espantoso. Como vio, é um parvo de primeira plaina; diz-se poeta, chama-se aguia, faz-se apologista do cognac; para imitar nisto, . . . segue a muita gente boa: faz bem; é arrastado pela onda; o seculo é o das imitações: finge que vae á noite ao cemiterio inspirar-se; falla em Byron sem conhecê-lo; affecta como presenciou uma erudição homérica e nunca leo senão o catalogo das obras, unico livro que possue. A um *petit-maitre* d'aquelles os nescios chamão sabio; mas eu dou outro nome, chamo idiota.

COSTA

E eu tambem.

ATAYDE

Conhece aquelle que agora acaba de sentar-se ao pé daquella menina, de Lucia?

COSTA

Conhego.

ATAYDE

E' uma excepção á regra geral. Aquelle môço, é um

musico, homem pobre, mas honrado, o seu nome de artista é uma má recomendação que possúe. A sociedade chama-o musico por escarneo.

COSTA

Anomalias do mundo!

ATAYDE

Que miseria! Votar-se ao desprezo, vociferar-se injurias contra o artista que honradamente sabe manter-se com a independencia, filha do seu trabalho como se este não fosse uma lei! Triste e desgraçado do homem que acolhe em sua alma estes preconceitos sordidos, fontes de todos os vicios, de paixões más, preconceitos que só aviltão aos que os tem porque partem do orgulho que envilece, que abate e que arrasta muitas vezes até a estrada do crime.

COSTA

O seculo é grande!

ATAYDE

Vê aquella mulher que alli está pelo braço daquelle moço?

COSTA

E' linda: um poeta a compararia com a Venus de Praxitéles.

ATAYDE

Um poeta que vibrasse na lyra um canto a uma mulher daquellas, permitta que diga, seria tudo menos um poeta como os comprehendendo e desejo. A poesia, essa emanação grandiosa do ceo, esse mixto fecundo de todos os sentimentos elevados, que faz do homem um inspirado, fallando como um propheta; que engrandece-o, que exalta-o, não sabe cantar essas estatuas de gelo, virgens somente no corpo, mas cujas almas possuem a pureza e castidade de uma Phriné. Ha messalinas mais virgens do que as proprias virgens, porque ha perdidas de almas virgens, como ha virgens de almas

prostituidas! Existem perolas no fundo dos charcos, como existe lama nas perolas engastadas em puro oiro! A poesia, meu caro, é uma religião, o poeta um sacerdote e este não deve faser da lyra um thuribulo para incensar banalidades!

COSTA

A poesia não é mais o que foi; era virgem, hoje é a cortesã das ruas!

ATAYDE

A poesia é hoje o que foi hontem, a idéa não perverte-se, enlameão-se sim os apóstolos falsos!

## SCENA VII

Os mesmos e JULIO (que entra sem ver os que estão em scena.)

COSTA

Aquelle homem soffre uma transformação completa.

ATAYDE

Calle-se!

JULIO (afficto.)

E' elle! é elle!

COSTA

O que será?

ATAYDE

Silencio!

JULIO

E' elle, é elle mesmo! Luiza! Ah! meus senhores que fazem? como vae a nossa reunião? querem alguma cousa porque não vão dansar?

O senhor soffre! ATAYDE

Não; não vê? folgo, rio-me! JULIO

Infeliz! ATAYDE

A voz treme-lhe! COSTA

Não se affijão!.. JULIO

O que será? COSTA

O que quero é que se divirtão. JULIO

O descanso lhe é necessario! ATAYDE

Fazem vinte annos; trago-os contados. Uma tarde ao pôr do sol,.... foi depois da morte delle,.... como me lembro ....! Que longo caminho! que privações! COSTA

Ouve?! ATAYDE

E' elle! COSTA

Retiremo-nos! ATAYDE

Aqui ha mysterio! JULIO (senta-se abatido.)

Deos onde está tua misericordia?

SCENA VIII

Os mesmos e LUIZA

LUIZA

O que é isto meus senhores? que gritos são estes?

ATAYDE

Seu marido soffre!

LUIZA

Meu marido?... Julio (Atáyde e Costa perdem-se na confusão de alguns convidados no salão do fundo, alguns dos quaes vem até a scena.)

JULIO (levanta-se.)

Ah!

LUIZA

Meu amigo!

JULIO

O que ha?

LUIZA

Tu não és assim.

JULIO

Luiza!

LUIZA

Meu Deus, esta afflicção enlouquece-me!

JULIO

Lucia!

LUIZA

Que martyrio!

JULIO

Não sei o que sinto!

LUIZA

Meu amigo!

JULIO

Deixa-me!

LUIZA  
Porque me repelles ?

### SCENA IX

Os mesmos e LUCIA

Mamãe! LUCIA (fóra de si.)

JULIO

Oh ! Lucia, minha filha ! (abraça-a.) Minha filha !

Meu páe ! LUCIA

Julio ! LUIZA

JULIO

Ja sinto-me melhor ; foi uma ligeira indisposição, que passou, uma lembrança que tive, nada foi ! Mas o que vejo ? Não se dança ? o que é isto, meus Senhores ? animação ! não era preciso que tivessem incomodo por uma cousa tão simples ! Lucia, convida os senhores para o salão, Senhor Fabio, faça-me obsequio ! (Lucia e os convidados sahem, Luiza acompanha-os tambem e volta logo.)

LUIZA

Como estás ?

JULIO

Melhor, preciso porém de estar alguns momentos em descanso ! Deixa-me só !

LUIZA

Quero estar ao teu lado.

JULIO

Não, deixa-me.

LUIZA

Meu Julio !

JULIO

E's um anjo !

LUIZA

Fico ? sim ?

JULIO

Minha Luiza, una nuvem de tristeza passou-me pelo espirito, hoje fazem annos que meu pae morreu, as minhas idéas transtornarão-se os objectos, movião-se quando os fitava, havia tanta gente e eu julguei-me em um cemiterio : a dor embriagou-me ! Váe, deixa-me só !

LUIZA

Meu Deus !

### SCENA X

Os mesmos e ANTONIO DE ALMEIDA

JULIO

E' elle !

LUIZA

O que será ? !

ANTONIO

Concedão licença.

LUIZA

Pode entrar.

JULIO (a boca da scena.)

O que será de mim ? !

ANTONIO

E' encantadora !

JULIO

Luiza, deixa-nos.

LUIZA

Este homem faz-me tremer ! ( Luiza sahe e Julio espreita.)

JULIO

Estamos sós !

ANTONIO

E' verdade.

JULIO (vae abraçar a ANTONIO)

Fui sempre seu amigo.

ANTONIO (altivo)

Não me conhece ? !

JULIO (contrariado.)

Porque não senta-se ?

ANTONIO (sentando-se.)

Faça o mesmo.

JULIO

Estou bem.

ANTONIO

Sente-se.

JULIO (sentando-se.)

Obrigado.

ANTONIO (tira um charuto do bolso.)

Va buscar aquella luz.

JULIO (machinalmente.)

Aquella luz ? !

ANTONIO

Sim. (JULIO hesita alguns instantes e traz a luz. ANTONIO accende o charuto.)

JULIO

Não quer mais nada ?

ANTONIO

Sente-se. (JULIO senta-se.)

JULIO (ouve-se a voz de uma mulher que canta.)

Obrigado.

ANTONIO

Conhece nada mais absurdo que a sorte ? O que se passa agora entre nós é sem duvida um brinco, um capricho seu ; o que acha ? Muitas vezes vemos ella lançar mão de um desgraçado e collocar-o no ultimo degráo da escada social ; ali cercado de pompas que deslumbrão, altivo da riqueza que desvaira, embriagado pela felicidade, elle sorri, visa o mundo não como elle é, mas como lhe pintão a magnificencia e os ouropéis da riqueza e então elle tudo despreza e é capaz mesmo de esquecer aquelles que lhe são unidos pelos laços mais estreitos e intimos : depois trocã-o-se as scenas, foge a bonança com seus risos, rebenta a borrasca cheia de horrores, a dôr substitue ao praser, vem as lagrimas ; o desgraçado empalidece e os échos repetem o som de uma queda. Do abysmo em que cahio, o infeliz pode ainda contemplar o throno em que se sentara, apodera-se então da colera que não reflecte e mesmo na miseria elle forceja, lucta, grita, chora mas a sorte é obstinada, o desgraçado cança.

JULIO

E' assim mesmo.

ANTONIO

Ninguém pode contestal-o, é um facto que a experiencia confirma. Não é mister ir muito longe.

JULIO

Que martyrio!

ANTONIO

Ha vinte annos sem motivo justificado, salio de minha casa, sem recursos, sem protecção, percorreu longos caminhos visitou varios lugares, sempre sem nenhum inconveniente, depois de algum tempo aqui veio morar, sorrio-lhe a sorte mais do que nunca e hoje. . . . e hoje é rico.

JULIO

Rico?!

ANTONIO

Feliz!

JULIO

Feliz?!

ANTONIO

Mas depois de longos dias de uma ventura nunca interrompida, uma noite ao som de uma orchestra, por entre nuvens de perfume, apparece como por encanto a imagem fatidica de um homem.

JULIO

Basta!

ANTONIO

De um homem que pode com suas mãos de ferro destruir o edificio erguido por um capricho da sorte.

JULIO

Mate-me!

ANTONIO (pausa.)

Diga-me: alguma vez nos seus instantes de socego, nas suas noites de delirio e prazer não sentia perpassar por seu espirito uma sombra, uma imagem banhada em pranto supplicante, curvada ao peso dos annos?!

JULIO

Oh! minha mãe!

ANTONIO

E n'esses momentos dolorosos não sentia que tinha consciencia, o remorso não lhe pungia e não vinhão á sua memoria os affagos, as caricias, os beijos que ella liberalisava-lhe mesmo entre os ferros da. . . . .

JULIO

Senhor. basta!

ANTONIO

Sabe onde está sua mãe?

JULIO

Diga, falle.

ANTONIO

Sua mãe. . . .

JULIO

Senhor!

ANTONIO

Sua mãe. . . . sua mãe. . . . morreu.

JULIO

Oh! minha mãe!

ANTONIO (alguma pausa.)

Basta de lagrimas.

JULIO (profundo suspiro)

Basta de lagrimas!!

ANTONIO

Vamos ao que interessa.

JULIO

O que exige de mim?



ANTONIO

Escute.

JULIO

Depressa... pode alguém...

ANTONIO

Não se encommode, não vê? o meu claruto apagou-se, traga de novo a luz.

JULIO

Que humilhação! (traz a luz.)

ANTONIO (lança ao ar uma baforada.)

Venho haver a importancia de uma divida, creio que não se recusará a satisfazê-la; sabe que eu poderia muito bem usar de outro meio; julgo que me comprehende...

JULIO

Comprehendo.

ANTONIO

Que está em boas circumstancias não é preciso que me declare, tenho razão do saber-o.

JULIO

Engana-se.

ANTONIO

Como assim?

JULIO

Casei-me rico, hoje estou pobre.

ANTONIO

Esbanjou a fortuna?

JULIO

Não, não esbanjei.

ANTONIO

Bailes, banquetes...

JULIO

O que me arruinou foi um negocio arriscado, uma empresa temeraria.

ANTONIO

A ambição! heim?

JULIO

Não tive ambição, faltava-me experiencia.

ANTONIO

E porque não lembrou-se de mim quando lhe sorria a ventura?

JULIO

Perdô-me.

ANTONIO (cauteloso.)

E' que no meio de sua riqueza não se lembrava que tinha uma mãe miseravel e esquecia... e esquecia (ao ouvido) que era escravo.

JULIO (espantado olhando em torno de si.)

Alguem ouviu?

ANTONIO

Duas pessoas.

JULIO

Duas?! quaes?... quem?

ANTONIO (rindo-se.)

Nós dois.

JULIO

Meu Deus!

ANTONIO

Porque não senta-se. Ha vinte annos sahio de minha companhia, durante tão longo espaço de tempo a minha propriedade poderia dar um bom lucro; façamos um calculo, eu serei rasoavel—cem mil réis por anno a minha propriedade renderia sem duvida, não convem? ganhando cem por anno, em vinte, produz a diminuta quantia de dois contos de réis; agora a importancia do objecto. N'aquelle tempo valia um conto e quinhentos, era um traste bom e de pouco uso, porém agora, quero ser ainda rasoavel, pode valer um conto: ha porém ainda o preço de estimação, que é *outro tanto do valor da cousa*, portanto *outro conto*, o que tudo reunido prefaz a quantia de quatro contos de réis.

JULIO

Senhor Antonio de Almeida!

ANTONIO

Acha muito?

JULIO

Estou pobre.

ANTONIO

Ora.

JULIO

Senhor!

ANTONIO

Deixe-se de lamurias.

JULIO

E' muito!

ANTONIO

Veja o dinheiro.

JULIO

O dinheiro?

ANTONIO

Sim os quatro contos.

JULIO

Contos?

ANTONIO

O dinheiro, o dinheiro.

JULIO (riso convulsivo.)

O dinheiro, o dinheiro, o dinheiro!

## SCENA XI

Os mesmos e LUCIA

LUCIA

Mamãe?

JULIO

Lucia!

LUCIA

Como está papae, porque não vae dançar?

JULIO

Sim, sim. deixa-me.

## SCENA XII

Os mesmos e LUIZA

LUIZA

Julio, não posso saber que negocio tens com o senhor?

ANTONIO

E' um negocio que....

JULIO (baixo á Antonio.)  
Não falle.

LUIZA  
E' algum segredo ?

JULIO

Não, Luiza, não é segredo. Eu dêvo ao senhor Antonio de Almeida quatro contos de reis, fazem já muitos annos, sendo metade de juro eu lhe pedia que dispensasse estes.

ANTONIO

Mas eu que não os despenso. . . .

JULIO (tira o dinheiro do bolso e conta.)

Eis aqui dois contos e quinhentos, accete-os e peço-lhe um mez de praso para o resto.

ANTONIO  
Não.

JULIO  
E' rasoavel.

ANTONIO  
Não.

LUIZA (tira as joias com que se adorna.)

Receba estas joias pelo resto.

ANTONIO  
E' pouco.

LUIZA  
Ha aqui um brilhante de valor.

ANTONIO  
E' pouco.

LUCIA (tira as suas joias.)

Reuna as suas, mamãe :

LUIZA

E agora ?

ANTONIO (depois de reflectir.)

Dê-me o dinheiro, acceto as joias.

LUIZA

O senhor é um agiota miseravel.

JULIO

Luiza !

LUCIA

Não se afflija, mamãe, se estamos pobres trabalharemos.

LUIZA

Sim. Quem possui dignidade. . . .

ANTONIO (mofando.)

Dignidade !

LUCIA

Não se agonie não, papae.

LUIZA

Vamos, Julio, Lucia.

JULIO

Os convidados dão pela nossa falta, vae, minha filha acompanha tua mãe.

LUCIA

Sim, papae.

JULIO

Eu não tardarei.

LUIZA

Aqui ha um segredo. (sahe com Lucia e logo depois volta conservando-se de espreita.)

ANTONIO

Vio o insulto que me dirigio sua mulher ?

JULIO

Desculpe.

ANTONIO

Não sei como não revelei tudo, dominado pela colera, como tive a fraqueza de estar.

JULIO

Desculpe foi uma fraqueza de mulher.

ANTONIO

O meu chapéo.

JULIO

Ei-lo.

ANTONIO (tira do bolso um papel.)

Receba, já vinha preparado.

JULIO (abre o papel, lê e lança-o sobre uma meza.)

Obrigado (estende-lhe a mão)

ANTONIO

A aquisição d'aquelle titulo não lhe dá o direito de zombar de mim. Até logo.

JULIO

Uma palavra. (Luiza vem entrando pausadamente.)

ANTONIO

Diga ó que quer.

JULIO (ajoelhando-se)

Peço-lhe, supplico-lhe....

ANTONIO

Erga-se.

JULIO (levantando se.)

Não revelle este segredo horrivel.

ANTONIO

Uma condição.

JULIO

Falle. (LUIZA aproxima-se mais em direcção a meza onde está o papel.)

ANTONIO

O senhor tem amor extremo á sua filha, a sua esposa, sua filha ama-o tão bem sua esposa adora-o, obedece-lhe,...

JULIO

Acabe (ouve-se musica.)

ANTONIO (com a voz tremula.)

Sua.... sua.... sua mulher é bella!

JULIO (encara-o, aproxima-se delle e da-lhe no rosto.)

Saia, va descobrir.

ANTONIO

Miseravel!

JULIO

Não se approxime.

LUIZA (tem lido o papel.)

Ah..! (Cae desmaiada n'uma cadeira. Antonio sahe por entre a confusão dos convidados.)

## SCENA XIII

O mesmos FABIO, LUCIA, SOUZA, AMELIA e os mais convidados.

LUCIA

Mamãe, mamãe!

FABIO

O que aconteceu?

VOSES

O que foi isto?

JULIO

Nada, meus senhores, nada (apanha o papel que tem cahido junto a Luiza.)

Eis a carta que liberta um infeliz, estou livre, eu era escravo.

TODOS

Escravo?!  

---

Os convidados sahem apressados; Souza da o braço a Amelia e sahe velozmente, Julio corre a abraçar Fabio, que tem ficado só no meio da scena, Lucia debruça-se sobre o collo de Luiza ainda desmaiada.

Cabe o panno.

ACTO II

O theatro representa uma sala: um divan ao lado esquerdo do espectador, junto deste uma meza redonda, um espelho grande, boa mobilia, portas ao lado direito e ao fundo; janellas ao esquerdo. Luiza está ricamente vestida. E' noite.

SCENA I

LUIZA E ANTONIO

ANTONIO

O que está lendo?

LUIZA

Adivinhe.

ANTONIO

Não tenho esta faculdade.

LUIZA

Dê-me um cigarro.

ANTONIO

Tenho charuto.

LUIZA

Charuto não quero.

ANTONIO

Vou comprar cigarros, prefere os de palha?

LUIZA

Não quero mais.

ANTONIO

Porque?

LUIZA

Não saia.

ANTONIO

E's uma creança.

LUIZA

Sente-se aqui pertinho.

ANTONIO

Estás hoje muito cordata.

LUIZA

Sempre fui.

ANTONIO

Devéras? não lembra-se de hontem?

LUIZA

Ora!

ANTONIO

E então?

LUIZA

Ficou mal commigo?

ANTONIO

Não.

LUIZA

Que horas tem no seu relógio?

ANTONIO

Nove em ponto. Não me disse ainda para onde pretende ir.

LUIZA

Indiscreto...!

ANTONIO

Vae ao baile?

LUIZA

Acertou.

JULIO (levantando-se.)

Luiza!

LUIZA (zombando.)

Senhor Almeida!

ANTONIO (supplicando.)

Luiza!

LUIZA

Isto é ridiculo.

ANTONIO

O que vai ver n'esse baile?

LUIZA

Que pergunta!

ANTONIO

Não ha de ir.

LUIZA

Bravo! bravo!

ANTONIO

Minha Luiza!

LUIZA

O senhor é bem espirituoso!

ANTONIO

Não irá.

HEI DE IR. LUIZA (batendo com o pé.)

ANTONIO

ISTO É INSUPPORTAVEL. (rindo-se occultamente.)

LUIZA

SERIO ?!

ANTONIO

NÃO BRINQUE.

LUIZA (cantando um pedaço do Orphéo.)

VOU LER (toma um livro e lê.)

ANTONIO

ENTÃO INSISTE EM QUERER IR AO BAILE ?

LUIZA

PARA QUE HORAS PEDIO O CARRO ?

ANTONIO

NÃO SEI.

LUIZA (docemente.)

DIGA.

ANTONIO (fazendo um lenço em tiras.)

NÃO SEI.

LUIZA

PARA QUE FAZ ISTO ?! QUANDO VEM O CARRO ? DIGA.

ANTONIO

A'S NOVE E UM QUARTO.

LUIZA

ENTÃO NÃO PODE TARDAR.

ANTONIO

MAS EU MANDO VOLTA-LO.

LUIZA

NÃO QUER PAGA-LO, NÃO É ?

ANTONIO

NÃO RESPONDO.

LUIZA

EU TENHO COM QUE COMPRAR O CARRO E ATÉ O BOLELEIRO.

ANTONIO

ESTÁ MUITO RICA !

LUIZA

ISTO É MYSTICO DE MAIS. NÃO VALE APENAS LER-SE SEMELHANTE LIVRO.

ANTONIO

VOU LER AGORA.

LUIZA

E' UM BOM NARCOTICO.

ANTONIO

NÃO PENSO DO MESMO MODO.

LUIZA

AH ! AGORA ME LEMBRO : QUANDO QUER V. SR.<sup>a</sup>. PASSAR-ME O PAPEL DA ESCRAVA ?

ANTONIO

NÃO PASSO MAIS.

LUIZA

PORQUE ?

ANTONIO

VOU LIBERTA-LA.

LUIZA

O Sr. não tem palavra.

ANTONIO

Ha tres dias fiz-lhe um presente que não esperava, as obras de ouro de sua filha e as suas.

LUIZA

Por isto está isento de cumprir o que prometteu?

ANTONIO

Devo estar.

LUIZA

Está bem.

ANTONIO

Sabe onde está a . . . .

LUIZA

O que? a escriptura?

ANTONIO

Sim.

LUIZA

Na sua algibeira?

ANTONIO

Não. Está n'aquella gaveta desde hontem.

LUIZA

E' brinquêdo...

ANTONIO

Sério, va verificar.

LUIZA (vâe a gaveta e acha o papel.)

Não vou mais ao baile.

ANTONIO

Palavra?

LUIZA

Palavra de mulher.

ANTONIO (rindo-se.)

Deseja ir?

LUIZA

Deixa?

ANTONIO

U ma condição somente.

LUIZA

Qual?

ANTONIO

Ha de voltar antes de meia noite.

LUIZA

Volto as onze e talvez antes.

ANTONIO

Bem.

LUIZA(chamando.)

Theresa.

ANTONIO

Para que?

LUIZA

Vâe saber.



SCENÆ II

Os mesmos e THERESA

THERESA

Senhora, me chama?

LUIZA

Quero hoje a ceia aqui n'esta sala, está entendida?

THERESA

Sim, senhora.

LUIZA

A's dez e meia.

THERESA

Para duas pessoas?

LUIZA

Não, para quatro.

ANTONIO

Quaes são as quatro?

LUIZA

E's muito curioso!

THERESA

Mais nada, senhora?

LUIZA

Ella dorme?

THERESA

Não, Senhora

LUIZA

Está bem, retire-se. (Theresa sahe.)

SCENÆ III

Os mesmos SOUZA E COSTA

LUIZA

Já sabe quaes são os outros?

ANTONIO

São aquelles?

COSTA

Bôa noite, Luiza.

LUIZA

Sente-se. D'onde vêm?

COSTA

Que importa o lugar d'onde vim? Acabo de sair de uma casa de jogo.

LUIZA

Sr. Souza falle com os pobres.

SOUZA (sentando-se.)

Ja tinha a cumprimentado.

LUIZA

Não vão ao baile?

SOUZA

Eu vou.

COSTA

Eu não.

LUIZA

Ambos estejam aqui as dez e meia.

COSTA

Para padrinhos d'algum duello ?

LUIZA

Faço annos hoje.

SOUZA

Ah! . . . .

COSTA

Uma ceia talvez? . . . .

LUIZA

A's dez e meia.

COSTA

Seremos pontuaes.

LUIZA

Mesmo como um relógio.

ANTONIO (ouve-se o rodar de um carro.)

Eis o carro.

LUIZA

Estou prompta, apenas falta-me o enfeite! (vae ao espelho.)

ANTONIO

Eu te ajudo.

SOUZA

E eu.

COSTA

E eu tambem.

LUIZA

Cuidado! (todos tres ajudão á Luiza a botar o enfeite.)

SOUZA

Estás bella como uma fada das Mileuma noites.

ANTONIO

Prompta.

COSTA

Ha de ser a rainha do baile.

LUIZA

Deveras !

SOUZA

Não sabem ? O Correio dos Dous Mundos deu uma noticia sobre o meu volume.

ANTONIO

Bom !

LUIZA

Já a tinha lido.

SOUZA

Os meus patricios atirão-me motêjos, mas a Europa me faz justiça !

LUIZA

A posteridade é tua.

ANTONIO

Apoiadissimo !

LUIZA

Eu me retiro.

SOUZA

Quero um lugar no teu carro.

LUIZA

Os Senhores ficão.

COSTA

Eu vou jogar.

ANTONIO

Eu tenho o que fazer.

Aqui? LUIZA

Não. ANTONIO

LUIZA

Saiamos; Theresa, eu vou sahir.

THERESA (entrando.)

Sim, minha Senhora. (sahem todos excepto Theresa.)

### SCENA IV

THERESA E ANTONIO (que entra)

Silencio! ANTONIO

THERESA

Ella foi para o baile?

ANTONIO

Foi.

THERESA

A menina anda tão doente!

ANTONIO

O que diz ella?

THERESA

Só vive chorando.

ANTONIO

Não falla no pai?

THERESA

Muitas vezes.

ANTONIO

O que lhe diz Luiza?

THERESA

Quando vê ella, chora muito.

ANTONIO

Quero que me sejas fiel.

THERESA

Meu senhor me forra como disse?

ANTONIO

Eu não falto nunca a minha palavra

THERESA

Meu senhor, conte commigo, eu para me vêr fôrra sou capaz de tudo.

ANTONIO

Eu te felicito.

THERESA

Ella parece que abre a porta.

ANTONIO

Bem! (Antonio esconde-se atraz de um cortinado.)

SCENÆ V

Os mesmos e LUCIA (vem pelo lado direito entra pallida e com os cabellos em desordem.)

Theresa. LUCIA

THERESA

Como está, menina ?

LUCIA

Muito doente.

THERESA

Sente-se, ande.

LUCIA (sentando-se.)

Obrigada.

THERESA

Eu vou lá dentro e volto já, ouviu ?

LUCIA

Sim. (Theresa sae.)

ANTONIO

Lucia !

LUCIA (levantando-se.)

Senhor.

ANTONIO

Não me odeie.

LUCIA

Retire-se.

ANTONIO

Porque me repelle?

LUCIA

Peço-lhe que me attenda, saia.

ANTONIO

Quanta crueldade !

LUCIA

Eu grito por socorro ! Theresa !

ANTONIO

Ella não virá.

LUCIA

Miseravel !

ANTONIO

Lucia !

LUCIA

Que vida !

ANTONIO

O mundo prepara-lhe um futuro tremendo, reserva-lhe uma vida de miserias e privações cruéis, a fome bater-lhe-ha á porta e pela praça publica exposta á irrisão das turbas, a Senhora irá em breve coberta de andrajos implorar o pão amargo da charidade, oh ! Lucia, isto é horrivel !

LUCIA

Minha mãe !

ANTONIO

Sua mãe !.. a Senhora não tem mãe.

LUCIA

Senhor o que deseja ? quer sem piedade atirar uma virgem desgraçada no abysmo cavado pelo crime, quer que ella trajando custosas vestes, coberta de ouro, zombe da moralidade e do bom senso, sendo apontada por todos como?...oh ! isto nunca, nunca palpitará meu coração sob sêdas e omro com-

prados á custa de meu pudor. Lembra-me o martyrio? Que importa o martyrio? elle me santificará. Que importa o fêl das necessidades? Eu tragal-o-hei.

Lucia!  
ANTONIO

Diz que me ama?  
LUCIA

Oh! muito!  
ANTONIO

LUCIA

Pois bem eu amo-o tambem Attenda-me, não me recuse o que vou agora supplicar-lhe: lance mão de um puñhal agudo, envenenado, e sem compaixão crave-o aqui. Que importa a dôr, a dôr é o caminho para a morte, a morte é a paz, a paz é o céu e o céu é Deus. Que importa o sangue que rojará da chaga, o sangue é a tinta com que o genio escreve o nome dos martyres, com sangue as idéas esprotao, fundão-se imperios, derribão-se tyrannos. — Mate-me, eu quero ver o meu sangue correr, já nas convulsões da agonia ao sentir o gelo da morte escoar-se pelo meu corpo, eu quero deitada junto d'este sangue escutar um canto, um hymno que brotará d'elle enlameando o cadaver, mas devinisan-do espirito. Mate-me!

ANTONIO

Como amo esta mulher!

LUCIA

Recusa, tem tanto horrôr ao sangue, julga que elle falla, que lhe accusa, tem medo dos remorsos? O remorso é uma mentira. Tem medo que alguém o veja? Pois bem, leve-me para longe d'aqui, eu o sigo; ao chegarmos em algum cemiterio entremos, não tema nada, os mortos não fallão, ali n'este santuario de paz eu desejo habitar, levante a pedra d'algum tumulo vasio, seja o coveiro e eu serci o cadaver ainda viva. Vamos.

ANTONIO

Vamos, não para onde deseja ir, vamos para bem longe do mundo, eu serci seu escravo a Senhora. será minha rainha e soberana! Pede a morte? A morte é a extinção do prazer, o tumulo é o inferno.

LUCIA

Estou doente, não vê? Abatida, retire-se, tenho necessidade de descanso.

ANTONIO

Não sahirei.

LUCIA

Seductor!

ANTONIO

Insulta me porque quero beneficiar-a?

ANTONIO

Beneficiar-me!

ANTONIO

Então insite, não quer acompanhar-me?

LUCIA

Meu Deus!

ANTONIO

Veja o que faz, pense primeiro; não queira voluntariamente condemnar-se á uma existencia penosa. Venha, nada lhe faltará, se soubesse como me entresso pelo seu bem estar, venha, não calque aos pés a felicidade que lhe chama O dinheiro... Não sabe o que é o dinheiro? O melhor titulo que se pode possuir, a carta de recommendação que todos acceitão e que a sociedade respeita com fanatismo. O dinheiro é a virtude.

LUCIA

Engana-se.

Cruel !

ANTONIO

LUCIA

O Senhor suppoz que me poderia comprar com um punhado de ouro arrancado dos montes de suas riquezas? Enganou-se. Sou pobre, muito pobre, mas sou rica de sentimentos nobres, o que o Senhor, não possúe, tenho virtude, o pobre tambem tem virtude. Desgraçado, a mulher tambem sabe afrontar os perigos.

ANTONIO

Não ssbe que tenho forças.

LUCIA

Não sabe que aquelle que ousa abusar da fraqueza de uma mulher é mais que um infame ?

ANTONIO

Repelle-me ainda.. ?

LUCIA

Sempre.

ANTONIO

Pedi, suppliquei, agora mando, tenho forças.

LUCIA

Tem forças ! E porque as não terei tambem ? Deus não velará por mim ? Por ventura não estala um raio do seio das nuvens para ferir o abutre esfaimado que quer estrangular a pomba innocente prestes á cahir em suas garras ? Por ventura Judith não teve poder bastante para livrar-se das mãos do impio Hollophernes ?

Lutemos.

ANTONIO

LUCIA

Santo Deus !

ANTONIO

Venha.

LUCIA

Nunca.

ANTONIO

Venha.

LUCIA (ajoelhando-se.)

Senhor, pelo amôr de Deus !..

ANTONIO

Não attendo.

LUCIA (levanta-se.)

Oh ! quem me soccorre ?

ANTONIO

Ninguem.

## SCENA VI

Os mesmos e FABIO

FABIO

O braço de Deus !

LUCIA

Senhor Fabio !

ANTONIO

Com que direito entra o senhor nesta casa ?

FABIO

Com o mesmo com que o senhor o faz.

ANTONIO

Faça favor de sair! (Theresa entra.)

FABIO

Retire-se primeiro.

THERESA

→ Minha senhora não quer ninguém aqui, quando ella sae.

FABIO

Calle-se!

ANTONIO

Saia por bem, do contrario....

FABIO

Quer medir as forças?

ANTONIO

Tinha o que ver eu....

FABIO

Pode acabar.

ANTONIO

Brigar com um musico.

FABIO

Musico que não troca o seu papel de solpha, pela carta que o fez commendador.

ANTONIO

O senhor offende-me, não respeita os meus titulos!

FABIO

Titulos! Titulos como os seus cospem-se, calcão-se aos pés.

ANTONIO (lança-se para Fabio.)

Miseravel!

LUCIA

Senhor Fabio!

FABIO

Alto lá: lave primeiro a nodoa que tem no rosto!

ANTONIO

Retire-se!

FABIO

Feixe aquella porta.

ANTONIO

E' minha escrava.

FABIO (tira uma pistola do bolso.)

Obedeça!

THERESA

Sim, sim senhor (feixa a porta do fundo.)

FABIO

Aquellas janellas.

THERESA

Sim senhor (feixa-as.)

FABIO

Bem.

ANTONIO

Para que tudo isto?

FABIO (á Theresa.)

Saia e silencio!

ANTONIO

Este homem! (sáe Theresa.)

FABIO (olha para o quarto de Lucia.)

Muito bem.

ANTONIO

O que quer o senhor?

FABIO

Vim tirar uma virgem das bordas do abysmo em que a desejo lançar; vim salvar a virtude purificada pelo soffrimento; vim ver o soffrimento envergonhado pelo deboche, vim buscar uma filha para restituir a um pae desgraçado.

ANTONIO

Basta de moral!

FABIO

Silencio!

ANTONIO

Não o ouço mais.

FABIO

E nem desejo. O que quero é que entre para aquelle quarto.

ANTONIO

O que diz!

FABIO

Entre.

ANTONIO

Não entro.

FABIO (pega-lhe no braço.)

Estou disposto a tudo, obedega-me!

LUCIA

Não sei o que presinto!

FABIO

Resolva-se!

ANTONIO

Entrar? Para que?

FABIO

Não sei.

ANTONIO

O senhor abusa!

FABIO

Não admira; o que assombra, o que infama é abusar-se de uma mulher!

ANTONIO

Não entro!

FABIO (engatilha a pistola e aponta.)

Então?!

LUCIA

Meu Deus!

ANTONIO (entra com as costas para a porta)

Estou entrando (entra.)

FABIO

Nem uma palavra por hoje! (feicha a porta, tira a chave colloca-a dentro de um livro.) A Senhora deve acompanhar-me.

LUCIA

Eu?

FABIO

Não tem confiança em mim, não é assim? Tem razão sou um simples musico, pobre e por tanto não mereço conceito.



Não seja assim. LUCIA

FABIO

Seu pai está n'um leito de dor! Quem sabe si a esta hora não se estorce nas agonias da morte.

Meu pai! LUCIA

Venha. FABIO

Perdoe-me. LUCIA

Lucia! FABIO

LUCIA

Quer que abandone minha mãe para nunca mais vê-la!  
Oh! não, não!

FABIO

Sua mãe. . . . Lucia esta casa é um inferno!

LUCIA

Quanto sou infeliz!

FABIO

Tem ainda meu amor.

LUCIA (pega-lhe nas mãos e larga-as rapidamente.)

Fuja, deixe-me, eu não quero vel-o. Oh! minha mãe!

FABIO

Ande.

LUCIA

Não, não!

FABIO

Não tem medo do mundo, Lucia?

LUCIA

Que me importa o mundo, se não sou victima do remorso.

FABIO

Tenha compaixão de seu pai. Acabo de sair de sua casa, elle me disse: vá, traga minha filha. Se soubesse com elle soffre! . . . . Venha, Lucia.

LUCIA

Que transe!

FABIO

Se nada d'isto vale, se a dôr, se a angustia, se o desespero de seu pai não lhe movem, eis-me a seus pés, imploro-lhe tambem.

LUCIA

Oh! isto é peor que a morte.

FABIO

Lucia, pelo seu infortunio, pela sua ventura passada, por tudo quanto é mais santo! Lucia, Lucia, pelo nosso amor.

LUCIA

Vamos.

FABIO

Vamos.

LUCIA

E minha mãe!.. e minha mãe!

FABIO

Nada de demora, vamos.

LUCIA

Adeos, adeos, minha mãe!.. (saem.)

### SCENA VII

THERESA (entra cautelosa. Depois de longa pausa entram Souza e Costa.)

THERESA

Vnc. não sabe quando vem minha Senhora?

SOUZA

Não tarda.

COSTA

Então o baile esta insipido?

SOUZA

Ha uma frieza que espanta!..

COSTA

Sentemo-nos.

SOUZA

Como vamos de ceia?

THERESA

Está prompta.

SOUZA

Luiza não pode demorar-se, ella mandou que eu te procurasse e viessemos esperar aqui por ella.

COSTA

Tres bien.

THERESA

Mas a ceia é aqui n'esta sala.

SOUZA

Tanto melhor.

THERESA

E quem me ajuda á trazer a meza?

COSTA

Eu.

SOUZA

Mãos á obra. (enquanto Theresa e Costa vão buscar a meza, Souza accende as velas da sala.)

COSTA

Magnifico peso!

SOUZA

Bravissimo! (Theresa deita luzes na meza e sahe.)

COSTA (em voz baixa.)

O que pensas tu do commendador Almeida?

SOUZA

Que é um homem rico.

COSTA

Ah! curiosidade! curiosidade!

SOUZA

O que é lá isto?

COSTA

Escuta, vou confiar-te um segredo.

SOUZA

Anda que estou curiosissimo tambem.

COSTA (baixo.)

Ha trez dias que foi um sugeito entregar-me uma carta para o Almeida e eu . . . .

SOUZA

E tu abriste? . . . .

COSTA (sempre cauteloso.)

E eu desconfiando que ella traz dinheiro . . . .

SOUZA

Queres então . . . .

COSTA (mostra a carta.)

Olha!

SOUZA (apalpa a carta.)

Aqui nada tem.

COSTA

Quem sabe? Dinheiro grande não faz volume. (toma a carta.) Ah! curiosidade!

SOUZA

E para onde iria elle?

COSTA

Aqui ha dinheiro!

SOUZA

E se não houver?

COSTA

Ora se não houver? . . . . Fallemos baixo, a escrava pode vir por ahi.

SOUZA

Mas isto é um crime.

COSTA

Qual !.. Vou abrir (abre.)

SOUZA (rindo-se.)

Nem ceutil.

COSTA

Souza, Souza!

SOUZA

O que ha?

COSTA

Cale-se!

SOUZA

Alguma má noticia?

COSTA

Uma desgraça.

SOUZA

Dá-me a carta!

COSTA

Veja!

SOUZA (depois de ler o papel.)

Fatalidade! . . . . sabe o que deve fazer agora? Escute: lacre esta carta e . . . .

COSTA

Vou e volto já.

SOUZA

E' tarde.

COSTA

Não importa! Um amigo meu mora nesta mesma rua e tudo se arranja. Volto já.

SOUZA

Adeus.

SCENA VIII

SOUZA E LUIZA

LUIZA (entra rindo-se as gargalhadas.)

Senhor Souza, Senhor Souza, o Costa cahio !

SOUZA

O que diz ?

LUIZA

E verdade !

SOUZA

Elle sahio apressado, tropeçou sem duvida e cahio :

LUIZA

Para onde foi elle ?

SOUZA

A casa de um amigo, porém não se demora.

LUIZA (senta-se.)

E o Almeida ?

SOUZA

Não sei minha flor.

LUIZA (tira o enfeite e desata os cabellos.)

O baile enfastiou-me !

SOUZA

A ceia alegrar-te-ha !

LUIZA (sentando-se)

Ah ! (timpa uma lagrima.)

SOUZA (pausa.)

Por quem suspirou ?

LUIZA

Não sei !

SOUZA

Com quem dansou a ultima walsa ?

LUIZA (abstracta)

Não me lembro.

SOUZA

Estais voluptuosa como a Asia.

LUIZA (como despertando.)

Oh ! sinto aqui um vacuo immenso, maior que o mundo, escuro talvez como um tumulo e como elle tetrico e frio ! Ha noites em que se apodera de mim uma tristeza mortal, uma tristesa mesclada de um desespero voraz ! Nestes momentos tremendos, quero chorar e não posso, não sei o que aspiro, mas pelo deserto de minha alma revôa uma toada melancolica lugubre, como a voz de um sino em noite de procella ! Sou triste as vezes mesmo entre o buliço do festim, ao calor do vinho ! Oh eu não sei, não sei o que sinto ! (soluça debruçada.) Oh ! meu Deus !

SOUZA

E' a saciedade Luiza.

LUIZA

Não é saciedade, não.

SOUZA

Quer ouvir uma poesia ?

Não, amanhã. LUIZA  
Quer passeiar ao luar? SOUZA  
Não. LUIZA  
Um copo de champagne? SOUZA  
Vamos ceiar. LUIZA  
Vamos. (sentão-se a meza.) SOUZA  
E o Almeida e o Costa? LUIZA  
Não tardão. SOUZA  
Que vinho é este? LUIZA  
O soberbo Madeira. SOUZA  
Não gosto. LUIZA  
E Bordeaux? SOUZA  
Deite aqui. LUIZA  
Só gosto do Bordeaux no almoço. SOUZA  
A sua saúde (tocão os copos.) LUIZA

SOUZA  
Viva o prazer. LUIZA  
Viva, viva! (vira o copo) SOUZA  
Não ha nada como a vida livre!  
LUIZA  
Vinho, mais vinho! SOUZA  
Veja o copo. LUIZA  
Quero champagne. SOUZA  
Espera um pouco. (abre a garrafa.)  
LUIZA  
Eucha. SOUZA  
Varietas delectat.

### SCENA IX

Os mesmos e COSTA

COSTA  
Magnifico!  
SOUZA  
Senta-te. LUIZA  
Já não lembra-se que cahio?  
COSTA

Junto de ti contemplando a magestade e perfeição do teu rosto, esqueço-me até de mim mesmo!

Hyperbole ! LUIZA

Verdade ! COSTA

A tua saúde. (bebem.) SOUZA

A saúde de Luiza. COSTA

E' de virar ! (esgotão os copos.) SOUZA

COSTA

Tu és a primeira mulher do mundo !

LUIZA

Estais muito hyperbolico.

SOUZA

Effeitos do vinho ! LUIZA

Viva a liberdade ! COSTA

Viva o seculo ! SOUZA

Um brinde. (levanta-se.) COSTA

Peior váe o negccio, temos discurso.

LUIZA

Falle. SOUZA

Um brinde, ao vinho, ao amôr e a mulher, esta trinda-

de celica da mocidade ! O vinho inspira e accende as lavas do craneo, o amor vulcanisa o espirito e a mulher nos mostra o Capitolio.

COSTA  
Lá entrarás como Cesar.

LUIZA  
Mais vinho !

SOUZA  
Estais hoje um funil.

COSTA  
Maravilhosa ceia.

SOUZA  
A embriaguez deve ser o estado natural do homem (bebe.) COSTA

E o casamento deve ser olhado como um delicto.

LUIZA  
Apoiado. SOUZA

O casamento é a sepultura da vida, a proscripção da liberdade, a negação do prazer, o abysmo da poezia. O homem tendendo como não ignorão para o aperfeiçoamento, está longe de conseguir o seu desideratum, se não tiver completa liberdade, porque sem ella será impossivel a perfectibilidade humana !

LUIZA  
Muito bem. SOUZA

Attendendo a esse gravissimo inconveniente, que propõe-se a desviar o homem do caminho do progresso, attendendo tambem que os legisladores dos iudifferentes povos

esquecendo o papel, isto é esquecendo a importancia da missão que tem a desempenhar, não estudarão ainda satisfatoriamente esta questão, que envolve interesses de elevado alcance, eu me proponho a escrever um tratado sobre tão magno assumpto, batendo com a força da minha logica, este monstro que se chama: casamento, hyminêo, alliança, união, consorcio ou o deabo!

COSTA

Apoiadissimo!

LUIZA

Um brinde ao Almeida. (bebem.)

COSTA

A proposito de Almeida. Ha tres dias que entregarão-me uma carta para elle

LUIZA

Ha de ser da mulher.

SOUZA

Talvez.

COSTA

E o portador contou-me uma triste historia, e esta carta talvez contenha a confirmação do facto.

LUIZA

Dá-me a carta.

SOUZA

Váe abri-la?

LUIZA

Não sou capaz desta indignidade. (Costa dá a carta.

COSTA

Estou obeso como o escrivão da minha comarca! (levanta-se.)

LUIZA (senta-se no divan.)

Ainda bebe Sr. Souza?

SOUZA

Queria sorver a ultima gota deste calix! Foi talvez no fundo de um copo que Homero bebeo a inspiração e o genio.

SOUZA

Diz alguma cousa de phantastico.

COSTA

Não gosto de Hoffman!

LUIZA

Basta de parvoices.

SOUZA

Parvoice Luiza?!

LUIZA

A fumaça do meu charuto tem mais poesia do que todos os poemas do mundo.

SOUZA

Vou dormir.

COSTA

Eu te acompanho, mas entro no premeiro hotel que encontrar.

LUIZA

Não saião; sentem-se e conversem.

SOUZA

Estais hoje...

LUIZA

Aborrecida?

Pelo contrario. COSTA

LUIZA

Leia alguma cousa Sr. Souza, ali ha livros.

SOUZA

Estais incomprehensivel.

LUIZA

Leia !

SOUZA

La váe. (toma o livro e cac a chave.)

COSTA

Uma chave!

LUIZA (apanha a chave.)

Esta chave, meu Deus!

SOUZA

O que é isto Luiza?

LUIZA

Lucia! Lucia!

COSTA

Que mysterio!

LUIZA (lança a chave na feixadura.)

Quem abre esta porta?! Meu Deus! Lucia, minha filha! Oh! não posso abrir!

SOUZA

Dá-me a chave.

LUIZA

Não, não! Minha filha! (abre-se a porta)

COSTA E SOUZA

O Almeida!

LUIZA

Senhor onde está minha filha!?

ANTONIO

Sua filha?!?

SOUZA

Foi talvez raptada!

LUIZA

Oh! Santo Deus! . . . Deus, tu não protejes a virtude!  
Minha filha! (esconde o rosto entre as mãos e rescosta-se sobre uma  
meza.)

ANTONIO

Quero a minha carta! Onde esta a minha carta?

COSTA (apanha a carta do chão.)

Houve desgraça em tua casa!

LUIZA

Theresa, Theresa! Oh eu eulonquego!

THERESA

Senhora!

ANTONIO

Oh! pobre! E' impossivel!

LUIZA

Desgraçada onde está minha filha!?

THERESA

Eu, eu, não. . . .



Luiza !  
SOUZA

LUIZA

Deixe-me ! Falla desgraçada !

ANTONIO

Pobre ! Oh ! a vida é um pêso que o accaso nos dêo para zombar de nós ! Viva o suicidio !

COSTA

Eu sigo aquelle homem.

### SCENX X

Os mesmos e FABIO

FABIO

Não saião ! Contemplem o desesperô daquella mulher; ajoelhem-se perante ella. Infeliz ! E' uma messalina, mas agora é mãe !

LUIZA

Oh ! roubarão minha filha !

FABIO

O pincel da escravidão pintou este quadro !

Cae o panno.

### ACTO III

O theatro representa uma sala pobre em extremo. Lucia está ajoelhada tendo nas mãos um retrato. Existe uma meza de pinho, tres cadeiras velhas e um bahú.

### SCENX I

JULIO

Lucia !

LUCIA (levanta-se.)

Meu pai !

JULIO

Resavas ?

LUCIA

Para que sahio ?

JULIO

Lagrimas nos teus olhos !

LUCIA

Não se afflija, sente-se !

JULIO

Sempre lagrimas ! Lucia meu anjo não chores, tuas lagrimas agonião-me, teu pranto é fel que vem derramar-se nas chagas que aqui tenho.

Meu Deus!

LUCIA

JULIO

E' que eu te amo e a tua tristeza faz-me mal. Lembro-me que és desgraçada; mas as vezes esta lembrança foge, desfar-se, finjo então que és a mulher mais ditosa do mundo, de repente a illusão se apaga, tudo enegrece, porque te vejo chorar! Filha não chores!

LUCIA

Sou feliz meu páe, e se as vezes opprimida pela desventura uma lagrima vem molhar-me a face é porque vejo meu páe ainda enfermo. Eu não choro por mim, choro por meu páe! Vivo tão satisfeita a seu lado!

Não me illudes!

JULIO

Illudi-lo!

LUCIA

JULIO

Julgas-te desgraçada, bem sei! E quem foi o autor do teu iufortunio!

Basta!

LUCIA

Fui eu!

JULIO

Não.

LUCIA

Eu, eu somente!

JULIO

Não, não meu páe!

LUCIA

JULIO

Eu sou um amaldiçoado!

LUCIA

Confieemos em Deus!

JULIO

Deus ja desprezou-me!

LUCIA

Deus é misericordioso!

JULIO (sentando-se.)

Lucia!

LUCIA

O que tem?

JULIO

Eu tenho, . . . . tenho . . . . fome!

LUCIA

Fome! Muito padece quem lucta com a indigencia!

JULIO

Esta fraqueza mata-me! Um suor frio, gelado corre-me da frente!

LUCIA

E hoje nada nos mandarão!

JULIO

São pobres tambem os que nos soccorrem, filha!

LUCIA

Oh! isto é horroroso!

Ja não sinto fome.

JULIO

LUCIA

Meu pae vá descansar; eu vou pedir uma esmola, não se escarnece de uma filha que vá esmolar para seu pae! Eu vou!

JULIO

Nunca!

LUCIA

Não ha baixesa no mendigo que estende a mão ao rico que passa; quem se avilta é o poderoso que recusa as migalhas de sua meza sempre festiva.

JULIO

Não irás.

LUCIA

Eu lhe peço.

JULIO

Não.

LUCIA

Eu chorarei, ajoelhar-me-hei aos pés do primeiro que encontrar, direi a todos: meu pae tem fome!

JULIO

Zombarão de ti.

LUCIA

Quero ir.

JULIO

Prefiro morrer de fome!

LUCIA

Morrer! E sua filha e eu?!

JULIO

Lucia!

LUCIA

Que mãos frias!

JULIO

Diz-me filha, ja comeste hoje?

LUCIA

Não, não, mas não tenho fome!

JULIO

Anjo, anjo de minha alma!

LUCIA

Que miseria!

JULIO

Tu tambem tens fome!

LUCIA

Fome! Espere, volto já.

JULIO

Sahir?

LUCIA

Sim. Vou a caza de minhas amigas; eu tenho amigas meu pae, ellas se compadecerão de mim!

JULIO

Amigas! Todas terão um insulto para receber-te, um riso de zombaria para despedir-te!

LUCIA

E' impossivel!

JULIO

Tu não conheces o mundo !

LUCIA

E a caridade ? !

JULIO

A caridade é uma cousa, que o rico quasi sempre desconhece ; ella não é para elle um sentimento que extalta, para elle so ha uma necessidade : o luxo. No meio das pompas, o rico parece deleitar-se em ouvir os gemidos dolorosos dos filhos do infortunio.

LUCIA

Ainda existe nobreza !

JULIO

Nobreza ? !

LUCIA

Não ha recurso então ? Mentira ! Eu sou bella, todos me chamão formosa ; a belleza é um bem, uma propriedade como qualquer outra, não é assim ? Vou vendê-la ! Tenho virtude, pois bem eu direi ao mundo : troco minha virgindade por dinheiro, dáe-me, dae-me pão para meu pae. Eu vou !

JULIO

Que horror !

LUCIA

Tambem ha grandeza e magestade na alma da mulher que se vende !

JULIO

E o crime ? ! Lucia ! Que horror !

LUCIA

O crime santifica-se !

JULIO

Sou ainda feliz, tenho esta filha !

LUCIA

Que martyrio ! (chorão abraçados.)

## SCENA II

FABIO (vem vestido de luto.)

Duas victimas !

LUCIA

Fallarão ?

JULIO

E' o senhor Fabio. Silencio !

FABIO (áo fundo.)

Lucia !

LUCIA

Fabio . . . ah !

FABIO

Lucia ! (quer pegar-lho nas mãos, ella recusa.)

LUCIA

Não !

FABIO

Meu Deus ! . . . Minha . . . senhora como está seu pae ?

LUCIA

Elle, elle tem . . . está ainda doente.

JULIO

Lucia !

FABIO

Senhor Julio, tive medo de encommoda-lo !

JULIO

Encommodar-me !

FABIO

Váe melhor ?

JULIO

Melhor ? Onde está Lucia ?

LUCIA

Aqui meu páe.

FABIO

Pensou que já o havia esquecido ?

JULIO

Engana-se.

FABIO

Dez dias de ausencia era cousa para estranhar-se, sobretudo quando eu vinha aqui todos os dias.

LUCIA

Esteve doente ?

JULIO

Foi o que suppuz.

FABIO

Estive e estou doente ainda minha senhora; soffri o maior golpe que se pode soffrer. Perdi minha mãe.

JULIO

E' um golpe tremendo.

FABIO

Quando conheceu que a hora suprema estava prestes a soar, com a face molhada pelo pranto da mais desesperada saudade, com os labios contrahidos pelo soffrimento, pegou-me nas mãos que gelaram-se ao contacto das suas, de-  
poz-me na fronte um beijo... Oh ! que foi o ultimo, e ex-  
pirou pronunciando um nome : Lucia !

LUCIA

Lucia !

FABIO

E' verdade ; este nome significava o canto da esperança  
entoado pela alma, que subia ; era o hymno da consolação  
enviado ao desgraçado que ficava.

LUCIA

Como me amava !

FABIO

Está chorando ?

LUCIA

Eu ?

JULIO

O pranto é o alimento da pobreza honrada.

FABIO

Assim como a avareza é a virtude da opulencia miseravel.

JULIO

Minha filha !

LUCIA

O que quer ?

JULIO

Quero deitar-me ; tenho... tenho somno. Hontem não  
poude dormir um só momento. Apodera-se de mim uma

mudança estranha ; não sei se tudo isto é devido a...  
falta de somno.

FABIO

Vá descansar.

LUCIA

Meu Deus (sahe com Julio.)

### SCENÆ III

SOUZA E FABIO

(Uma mulher entra para o interior da casa.)

FABIO

Será alguma esmola ?

SOUZA (entrando)

Tenho a honra de cumprimental-o.

FABIO

Viva.

SOUZA

Está agora morando aqui ?

FABIO

Seja menos indiscreto.

SOUZA

Que indiscrição ha nisto meu charo ? Parece-me pelo modo porque me falla que se acha um tanto indisposto contra mim ! Creio que não ha razão para isso.

FABIO

Perdoe-me se offendi-lhe.

SOUZA

Sabe perfeitamente que o senhor foi um moço a quem sempre tive em alta consideração, assim como ainda hoje ; não só pelas apreciaveis qualidades, que o adornão, mas sobretudo pela profissão, que exerce. A musica é irmã da poezia, tenho-lhe amisade.

FABIO

Obrigado.

SOUZA

Quem mora aqui é o... ?

FABIO

Um homem a quem muita gente que eu conheço mostrava sincera amisade e até mesmo occupava nos dias de sua prosperidade, e hoje não o conhece porque elle jaz na miseria.

SOUZA

Refere-se a mim ?

FABIO

Não. (sahe a mulher.)

SOUZA

E' mister meu amigo curar-se com desvelo da classe desfavorecida por meio de sabias instituições, estabelecimentos pios, etc.

FABIO

E tambem fundando-se hospitaes para uma segunda classe de pobres, que muito mal causão ao bom senso da sociedade.

SOUZA

E' verdade, os doudos por exemplo.

FABIO

Sim, sim, os doudos.

SOUZA

Prometto ao meu amigo, agora não, porque estou á braços com um poema bellissimo, sublime; mas logo que acabal-o, prometto que hei de escrever uma obra sobre esta questão, que tem sido imprudentemente atirada ao desprezo pelos nossos homens.

FABIO

Faz com isto um serviço ao paiz.

SOUZA

Ah! se eu pudesse ser grande, meu caro! Ah! meu caro, eu tenho tantas idéas!

FABIO

Não é difficil.

SOUZA

Apoiado, não é difficil.— Audaces fortuna juvat. —

FABIO

Em Roma, creio que no reinado de Néro. . . .

SOUZA

Não me falle em Roma, meu amigo. Roma foi um quartel e hoje é um convento.

FABIO

Mas em ultima analyse, o que quer o senhor?

SOUZA

Conheee o commendador Almeida?

FABIO

Muito.

SOUZA

Sabe o que succedeu-lhe?

FABIO

Sei que esmola

SOUZA

Foi rico como sabe; por uma fatalidade porém está na indigencia. Um incendio terrivel devorou a sua fortuna, o trabalho de muitos annos, deixando seus filhos na maior consternação.

FABIO

As vezes os filhos pagão o erro e o crime dos páes.

SOUZA

Vendo este homem de eminentes qualidades exposto ás maiores privações, sabendo que sua familia tem necessidade d'elle, resolvi recorrer á caridade publica afim de que elle possa transportar-se para o lugar de sua residencia. Passando vi-o aqui e quero saber se concorre com alguma cousa para tão magnanimo fim.

FABIO

A magra carteira do musico ainda pode dar uma esmola.  
(da-lhe dinheiro)

SOUZA

Não sei como agradecer-lhe.

FABIO

Esquecendo o que acabo de fazer.

SOUZA

O Senhor merece um poema.

FABIO

Era só o que queria?

SOUZA

O que ha de novidade?

FABIO

Ignoro.

SOUZA

Tem lido os jornaes da Europa?

FABIO

Falta-me tempo.

SOUZA

Pois é necessario para estar-se á par do movimento politico e litterario do velho mundo. Sabe quantos assassinatos houverão em Pariz no mez passado? Trezentos e trinta não contando quinze parricidios, duzentos infantecidios, occasionados por traições femeninas. A mulher meu caro senhor, é a causa de todos os males, que soffremos, o que acha?

FABIO

Ignoro tambem.

SOUZA

Até logo.

FABIO

Passe bem.

SOUZA

Ah! diga-me não ouviu fallar de um juizo critico, que sahio no Jornal do Commercio, sobre as minhas poesias?

FABIO

Não.

SOUZA

O autor elogia as seguintes composições: os mysterios da noite, a fada do mar, as brisas da madrugada, a viração, o genio, a tristesa d'alma, minha terra. Esta ultima é uma verdadeira inspiração, foi escripta em um momento em que a melancolia revolvía as paginas sagradas de minha alma; nesse genero acredite, que não ha melhor. Não ha duvida a America é a terra dos genios. Até logo, appareça. (sahe.)

## SCENA IV

FABIO E LUCIA

LUCIA

Quem esteve aqui.

FABIO

O Sr. Souza; veio pedir-me uma esmola para o commendador Almeida!

LUCIA

Infeliz!

FABIO

Seu páe?

LUCIA

Está melhor.

FABIO

Dorme?



LUCIA

Não!

FABIO

Sabe o que me trouxe aqui ?

LUCIA

Dar-me noticia de minha mãe ?

FABIO

Sua mãe!

LUCIA

Está boa ?

FABIO

Nunca mais a vi.

LUCIA

Dois mezes de ausencia!

FABIO

Não chore.

LUCIA

As lagrimas consolão, desabafão

FABIO

E' verdade.

LUCIA

Quem sabe se já não me esquecêo ?!

FABIO

Uma mãe não esquece nunca uma filha. O amor extremo, santo e quasi divino em que sua alma se abrasa faz della uma creatura inspirada, capaz de tudo quanto é grande. Seu coração é um sacrario onde incessantemente arde

o fogo de uma amisade santa, sua alma um livro eloquente cheio de idéas nobres ; seu amor, sua alegria, seu pensamento, sua gloria tudo, tudo é para seu filho ; o amor do filho povoa sua alma de esperanza. Ella chora com os seus padecimentos, chora com a sua prosperidade tambem ; porque ella tem mêdo, que não fujão esses momentos de paz, que constituem a dita suprema do fructo de suas entranhas.

LUCIA

Oh ! quanto é doce o amor de mãe !

FABIO

O papel que ella representa é o papel do soffrimento. Dominada por uma paixão, victima de uma amargura, torturada por um desengano fatal, ella pode muitas vezes desviar-se da senda, que lhe traçou o dever.

LUCIA

Ah !

FABIO

Porém mesmo ouvindo a linguagem do vicio, atirada no leito do crime, ella guarda no mais intimo de seu coração um logar por onde nunca passou a sombra da perdição, nem de longe. E' ahi que ella aninha e guarda o mais nobre de todos os sentimentos, o do maternidade. Desvairada pela vergonha ella deixa-se arrastar pelo turbilhão e cahe ; mas nesta queda ha grandezas, como ha grandezas na virtude. Ella não foi a culpada. Cega pelo soffrimento sua vontade desvairou-se, e de sua alma ebria pelo desespero sahio um grito. Ah ! quem sabe se não era o ultimo brado de agonia soltado pela violação do dever. Se não ha virtude no seu acto tambem não ha crime. Não foi a mãe, que entrou no bordel, foi a louca ; não foi a louca, foi uma estatua impellida pela fatalidade.

LUCIA (chorando)

E o mundo ?!

FABIO

O mundo é um juiz parcial; porque a paixão é o único movel dos seus juizos. Suas decisões não tem valor. Elle applaude com seus gritos a mulher que se fez cortesã sómente por amor do vicio; mas atira lama á virgem pobre, que em um momento de desespero vendeu-se para matar a fome de seus paes. O mundo! o mundo; levanta um throno para um tyranno, faz um cadafalso para um martyr, cospe nos andrajos da indigencia, perfuma o fardão tinto de sangue do potentado, faz do criminoso um innocente e d'este um culpado, tem uma gargalhada de cynismo para a virgude, incenso e flores para o deboche, um hymno para o lufanar uma blasphemia para o templo. Elle nada teme, porque desconhece a religião do dever; nega a Deus para esquecer o remorso.

Meu Deus !  
LUCIA

Uma mãe não esquece nunca o fructo de seu amor !  
FABIO

Oh ! nunca !  
LUCIA

FABIO (tira do bolso um retrato.)

Vê? é um retrato de mãe! Como está fiel! Mas tudo aqui é triste e mudo. Ah! se ella podesse proferir uma só palavra! Escute, se ella tivesse o dom da linguagem ella diria: Lucia, Lucia meu filho ama-te!

Ah!  
LUCIA

Quanta amargura!  
FABIO

LUCIA

Deixe-me  
FABIO

Lucia!  
LUCIA

Eu....eu....  
FABIO

Falle.  
LUCIA

Senhor Fabio!  
FABIO

Não trate-me assim!  
LUCIA

E' terrivel esta agonia!  
FABIO

Oh ! nunca me amou !  
LUCIA

Eu amo-o, mas deixe-me !  
FABIO

Onde estão suas juras ?  
LUCIA

Despedaçadas pelo destino.  
FABIO

Quanta tortura existe no desengano !  
LUCIA

Porque não me esquece ?

FABIO

Que frieza!

LUCIA

Esqueça-me, erá nome mesmo do nosso amor. A felicidade foi um sonho, um brinco de creança que o rio levou na impetuosidade de sua corrente, para nunca mais voltar. Esqueça-me, deixe que eu somente seja a infeliz, deixe que eu somente não possa erguer a fronte quando perguntarem por meus paes. Pode ser feliz com outra, eu orarei no meu infortunio para que nunca se tolde o céu de sua felicidade e de seus risos. Não esquecel-o-hei nunca, oh! nunca, Quero amal-o, mas de longe sem que ninguem saiba.

FABIO

Não era isto que eu tinha sonhado.

LUCIA

Não me queira mal.

FABIO

Lucia, não ha entre nós um abysmo.

LUCIA

Basta.

FABIO

Ha um desgraçado e uma mulher; um desgraçado que foi escravo, uma mulher que se perdeu, não para tornar-se o idolo dos libertinos, não por amor a sensualidade; ella procurou a bachanal como meio de affogar a decepção para esquecel-a, fez da perdição do corpo a arma para matar a dor moral, funda, intensa e terrivel que lhe macerava. Ella vende-se chorando.

LUCIA

Oh! minha mãe!

FABIO

Não me recuse o descanso que nascerá com o seu

amor; calejado por uma magoa profunda, o seu desengano será para mim peor que a morte! Eu tambem soffro; tambem sou pobre... miseravel; tambem tenho de que corar...sou musico, e a sociedade, bem sabe, que amaldiçoa o artista. Pois bem: una-se o infortunio ao infortunio, case-se a indigencia com a indigencia e seremos ditosos. Que importão as maldições desta sociedade fanatica?! No amor da esposa encontrarei tambem o amor dos pais que já não existem, terei a amisade de irmã que nunca tive.

LUCIA

Nunca!

FABIO

Oh! quantos golpes reservados para mim! *(senta-se abatido Lucia vae a janella, e limpa uma lagrima, depois de pausa.)*

LUCIA

O que lhe trouxe especialmente aqui?

FABIO

Vinha lhe pedir um pai e a senhora recusou, vinha mostrar-lhe um altar, e a senhora deu-me o desengano.

## SCENA V

Os mesmos e JULIO

JULIO

Quero sentar-me.

FABIO *(dando-lhe uma cadeira)*

Sente-se.

LUCIA

Então?

JULIO

Não poude, amargava-me como fél.

LUCIA

Oh! meu Deus!

FABIO

Permitte que me retire?

JULIO

Com a minha chegada?

LUCIA

E' cedo ainda.

FABIO

Tenho algumas lições a tomar.

JULIO

Quando apparece?

LUCIA

Amanhã?

FABIO

Amanhã.

JULIO

Não se esqueça de nós.

FABIO

Eu?

JULIO (levantando-se.)

Oh! que recordação!

LUCIA

Meu páe!

JULIO

Fazem hoje dezeseis annos.....

FABIO

Que casou-se?

JULIO (sentando-se.)

Oh! basta, basta!

FABIO

Perdoe-me.

JULIO

Oh! quanto amei! E de tantas glorias passadas, de tanto sonho que sorriu, só me resta uma lembrança pungente e amarga!

FABIO

Tem ainda um amigo leal e dedicado; resta-lhe uma filha.

JULIO

Lucia! Lucia! (Lucia ajoelha-se ao pé da cadeira.) Tu me amas filha?

JULIO

Muito! muito! (Julio beija-lhe a fronte)

FABIO

Que quadro!

## SCENA VI

OS MESMOS (e Luiza Ouve-se o rodar de um carro)

LUIZA (para fora.)

Ponha o meu carro para a sombra. Vim buscar minha filha.

LUCIA

Esta vóz!.....

Luiza?! FABIO  
 Minha mãe. LUIZA  
 Lucia! JULIO (pega-lhe no braço.)  
 E' minha mãe. LUCIA  
 E' minha filha. LUIZA  
 JULIO

Engana-se. Esta menina é filha de um homem, que ainda hontem arrastava aos pés uma corrente de condenado, uma corrente de escravo.

Sempre este nome! LUIZA  
 JULIO  
 Esta infeliz é minha filha.  
 LUCIA  
 Meu páe!  
 JULIO  
 Faça favor de retirar-se.

Que momento! FABIO  
 LUIZA  
 Quero abraçar minha filha.  
 LUCIA  
 Meu Deus!  
 JULIO

A serpente ainda vestida de seda não pode abraçar a

ave innocente e candida, porque o seu veneno matal-a-hia. (vehemente.) Desgraçada quem te deu esse luxo com que te adornas, esse ouro com que te cobres?! Ah! quem sabe?! amanhã nem uma mortalha para envolver-te. Donde vieste? tuas faces empallidicerao ao clarão dos candieiros que adornão a festança do bordel; teus labios ainda estão quentes dos beijos que pozeste em leilão; teu seio..salpicado do vinho que te lanção os convivas, quando commettes um acto de torpesa. E queres abraçar minha filha?!-foge, foge!

LUCIA  
 Não!  
 JULIO  
 Cala-te.  
 LUCIA  
 Minha mãe!  
 JULIO  
 Que esplendor! Oh! já vi a lepra trajando vestes de galla!  
 LUIZA  
 Hei de abraçar minha filha.  
 JULIO  
 Nunca.  
 LUIZA  
 E' minha filha.  
 JULIO

Não se approxime que ao seu contacto talvez que seu corpo se manche! (pausa em delirio) Que mulher é esta? Ah! é uma messalina! Luiza! perdôa! Luiza (Luiza recua.) meu Deus(cae nos braços de Fabio Lucia corre para Luiza.)

LUCIA  
 Minha mãe!

LUIZA

Minha filha (abração-se.) E's tu mesma? Eu soube, diz-me, é verdade que tens passado fome?

LUCIA

E' mentira, é mentira!

LUIZA

E' ella! é minha filha!

LUCIA

Eu resava tanto por minha mãe....

LUIZA

Vamos.

JULIO

Quem? ella?

LUIZA

Quero arrancar-a da fome.

JULIO

Para rojal-a onde?

LUCIA

Meu pae!

LUIZA

Vamos Lucia.

JULIO

Nunca, nunca!

LUCIA

Minha mãe.... Eu.... meu pae.... Sr. Fabio....

FABIO

Senhora sua filha, não pode abandonar aquelle homem.

## SCENA ULTIMA

OS MESMOS, dous soldados e um beleguim

1.º SOLDADO

Que diabo de tribusana é esta?

LUCIA

Soldados!?

FABIO

O que será?

BELEGUIM

Quem é aqui um sujeito chamado Julio?

LUCIA

Para que Senhor?

2.º SOLDADO

A senhora que se importa.

BELEGUIM

Não respondem?

JULIO

Julio,.... Julio,.... sou eu,.... eu.

BELEGUIM

Pois então siga-me.

JULIO

Eu?

LUCIA

Senhor, meu pae commetteu algum crime?

BELEGUIM

Peior vae o negocio.

FABIO

Então pretende levar este homem preso sem dizer-lhe a razão porque o faz?

LUCIA

Santo Deus !

BELEGUIM

O Sr. . . . é escravo.

JULIO

Escravo !

FABIO

E' mentira !

LUCIA

O senhor está enganado, meu páe é livre.

JULIO

Sou livre.

BRLEGUIM

E' escravo, digo-lhe eu.

JULIO (vai buscar a carta de liberdade que está dentro de um bahu, e abre-a)

Vêja, leia.

BELEGUIM

E' falsa esta carta.

JULIO

Falsa ?

BELEGUIM

Falsissima.

FABIO

E' impossivel.

BELEGUIM

Está completissimamente enganado. Quando você fugiu da casa de um tal Almeida, que era seu senhor, este lhe vendeu logo dous annos depois de sua fuga; portanto não lhe podia libertar.

FABIO

Um estellionato infame !

2.º SOLDADO

Acompanhe-me.

JULIO

Não vou.

BELEGUIM

Por isto esperava eu.

1.º SOLDADO

Venha por bem.

JULIO

Não . . . não . . . não.

1.º SOLDADO

Tinha o que ver !

BELEGUIM

Arrastem esse diabo. (arrastão-no.)

FABIO

Miseravel !

LUCIA (ajoelhando-se.)

Senhor, tenha compaixão !

BELEGUIM

Arrastem . . . arrastem ! . . .

JULIO (riso convulsivo.)

Não.... não vou! Não!.... não!.... não!.... (os soldados arrastão-no.)

LUIZA

Esperem. Soltem este homem (para Julio.) Vá comprar sua liberdade.... (dá-lhe uma bolça.)

JULIO (atira-lhe a bolça aos pés.)

Levem-me; quero ser escravo. (vae a sahir.)

LUCIA

Meu páe! meu páe!....

JULIO (voltando.)

Ah! deixem.... deixem.... sim.... eu.... eu quero.... abraçar, minha.... fi.... Lucia!.... Lucia!.... (Lucia lança o joelho em terra, Julio debruça-se sobre elle e cahe.) Adeus filha.... adeus.... minha.... filha!!....

LUCIA

Meu querido páe!

FABIO

Senhor Julio!

JULIO (com voz fraca.)

Sr. Fabio.... Lucia.... (expirando.) mi.... nha fi.... (expira.)

FABIO

Está morto! (os soldados sahem.)

LUCIA

Meu pae.... meu páe!....

FABIO (á Luiza.)

Senhora, sabe quem assassinou aquelle infeliz?

LUIZA

A lei, que se proclama livre e diz: pode vender-se o homem.

LUCIA

Meu Deus! o que me resta no mundo?!....

FABIO

Um irmão, mais que um irmão, Lucia, um esposo.

LUIZA (limpando uma lagrima.)

Desappareceu o meu spectro!....

LUCIA

Resta-me um cadaver de — Escravo —!!....

Cae o pano.

FIM DO DRAMA.



# ERRATA

Apezar do cuidado que houve na revisão, escaparam alguns erros que pela maior parte são de pouca importancia. Deixando estes a perspicacia do leitor, notarei apenas os mais salientes.

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
12	28	Venaldade	Venalidade
13	17	ao verem	a verem
24	16	pallido	pallidos
32	17	encomedo	incommodo
33	12	transformaram-se os ob- jectos	transformaram-se; os objectos
49	9	Julio	Antonio
62	15 e 16	Que importa o sangue que rojará da chaga,	Que importa o san- gue que rojará da
62	17 e 18	esprorão	prosperam (chaga?)
63	3	eu serei seu escravo a se- nhora.	eu serei seu escravo; a senhora
63	15	Antonio	Lucia
64	11	Não sabe que tenho forcas.	Não sabe que tenho forças?
71	8	se soubesse com elle	se soubesse como elle
63	18	insite	insiste
81	9	Estais	estás
81	31	indifferentes	differentes
83	6	Souza	Costa
83	8	Costa	Souza
"	25	Estais	Estás
84	6	"	"
88	6	desfar-se	desfaz-se
92	7	extalta	exalta
104	7	O mundo! o mundo; le- vanta	o mundo! o mundo levanta



